

**De “selecionador” a “celebridade”, de “disciplinador” a “vilão”:
reflexões sobre as representações do treinador em diferentes
contextos**

De “seleccionador” a “celebridad” de “disciplinario” a “villano”:
reflexiones sobre las representaciones del entrenador en diferentes
contextos

From “chooser” to “celebrity”, from “disciplinary” to “villain”: reflections
about the representations of the coach in different contexts

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM - Uerj com bolsa CAPES. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (2014). Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2006), especialização em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FACHA-IGEC-RJ (2012). Pesquisador do Grupo Esporte e Cultura da UERJ.

contato: filipemostaro@hotmail.com

Francisco Ângelo Brinati

Doutorando do Curso de Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor Assistente II do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

Contato: chicobrinati@yahoo.com.br

Ronaldo George Helal

Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj).

Contato: rhelal@globo.com

Artigo recebido em 09/10/2015 e aprovado em 28/11/2015



Resumo

Pretendemos neste ensaio refletir sobre os diferentes embates culturais que constroem a representação dos treinadores de futebol da seleção brasileira. Com o aporte teórico interdisciplinar da Economia Política da Comunicação abordaremos a chegada do esporte no Brasil, o contexto do Estado Novo e a conjuntura atual onde o técnico é abordado pelas narrativas midiáticas como celebridade, tendo seu trabalho pouco enraizado, volátil e alvo principal no caso de derrotas. Interessa-nos aqui, assinalar quais mecanismos foram acionados após a disputa entre campos para arquitetar as representações de acordo com o contexto apresentado.

Palavras-chave: esporte, técnicos, representações, contextos, mídia

Resumen

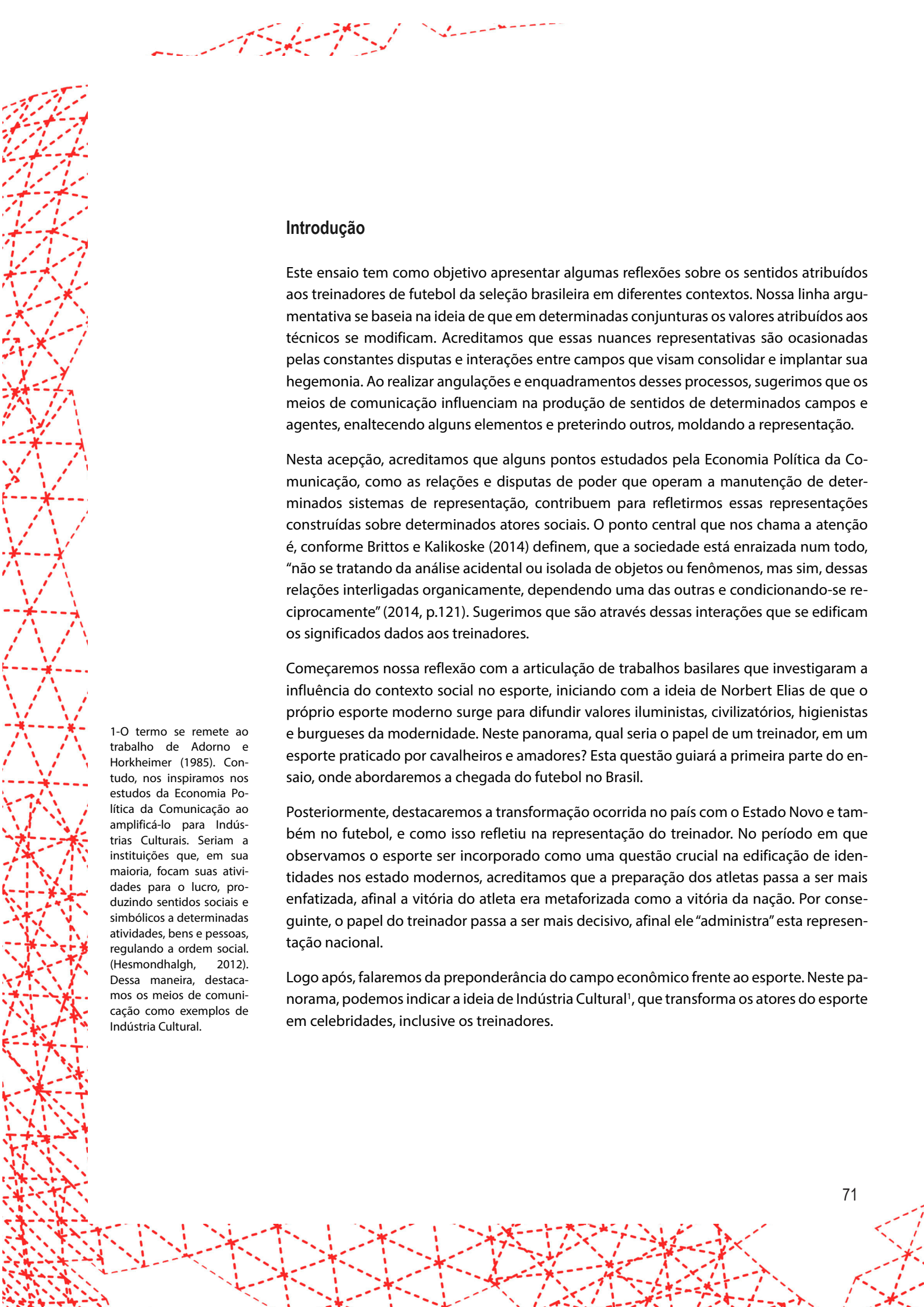
Nuestra intención en este ensayo es reflexionar sobre los diferentes enfrentamientos culturales que construyen la representación de los entrenadores de fútbol de la selección nacional. Con el marco teórico interdisciplinario de la Economía Política de la Comunicación examinaremos la llegada del deporte en Brasil, el contexto del Estado Novo y la situación actual en la que el entrenador es acercó por los relatos de los medios de comunicación como una celebridad, habiendo su trabajo, volátil y destino principal en caso de pérdidas. Lo que nos interesa aquí es señalar cuales mecanismos se activan después de la disputa entre los campos para arquitectar las representaciones de acuerdo con el contexto presentado.

Palabras Clave: deportes, entrenador, representaciones, contextos, medios de comunicación

Abstract

We intend in this essay to reflect on the different cultural disputes that build the representation of football coaches of the Brazilian national team. With the interdisciplinary theoretical framework of the Political Economy of Communication we will cover the arrival of the sport in Brazil, the Estado Novo context and the current situation where the coach is brings for the media narratives as a celebrity, having your little rooted work, volatile and target principal in case of losses. What Interests us here is to investigate what mechanisms were triggered after the dispute between fields to architect the representations according to the context presented.

Key Words: sport, coachs, representations, contexts, media



1-O termo se remete ao trabalho de Adorno e Horkheimer (1985). Contudo, nos inspiramos nos estudos da Economia Política da Comunicação ao amplificá-lo para Indústrias Culturais. Seriam as instituições que, em sua maioria, focam suas atividades para o lucro, produzindo sentidos sociais e simbólicos a determinadas atividades, bens e pessoas, regulando a ordem social. (Hesmondhalgh, 2012). Dessa maneira, destacamos os meios de comunicação como exemplos de Indústria Cultural.

Introdução

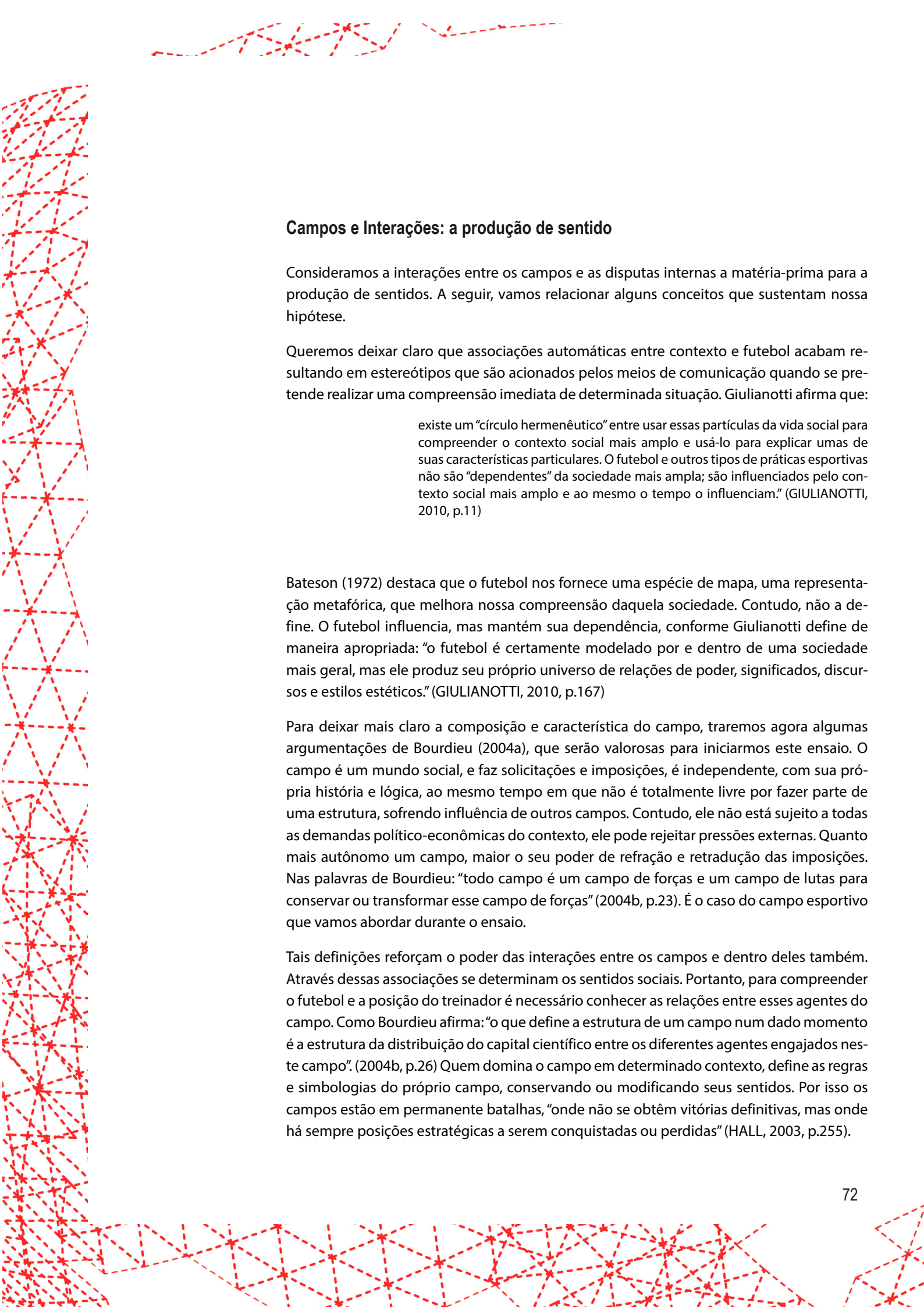
Este ensaio tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre os sentidos atribuídos aos treinadores de futebol da seleção brasileira em diferentes contextos. Nossa linha argumentativa se baseia na ideia de que em determinadas conjunturas os valores atribuídos aos técnicos se modificam. Acreditamos que essas nuances representativas são ocasionadas pelas constantes disputas e interações entre campos que visam consolidar e implantar sua hegemonia. Ao realizar angulações e enquadramentos desses processos, sugerimos que os meios de comunicação influenciam na produção de sentidos de determinados campos e agentes, enaltecendo alguns elementos e preterindo outros, moldando a representação.

Nesta acepção, acreditamos que alguns pontos estudados pela Economia Política da Comunicação, como as relações e disputas de poder que operam a manutenção de determinados sistemas de representação, contribuem para refletirmos essas representações construídas sobre determinados atores sociais. O ponto central que nos chama a atenção é, conforme Brittos e Kalikoske (2014) definem, que a sociedade está enraizada num todo, “não se tratando da análise acidental ou isolada de objetos ou fenômenos, mas sim, dessas relações interligadas organicamente, dependendo uma das outras e condicionando-se reciprocamente” (2014, p.121). Sugerimos que são através dessas interações que se edificam os significados dados aos treinadores.

Começaremos nossa reflexão com a articulação de trabalhos basilares que investigaram a influência do contexto social no esporte, iniciando com a ideia de Norbert Elias de que o próprio esporte moderno surge para difundir valores iluministas, civilizatórios, higienistas e burgueses da modernidade. Neste panorama, qual seria o papel de um treinador, em um esporte praticado por cavalheiros e amadores? Esta questão guiará a primeira parte do ensaio, onde abordaremos a chegada do futebol no Brasil.

Posteriormente, destacaremos a transformação ocorrida no país com o Estado Novo e também no futebol, e como isso refletiu na representação do treinador. No período em que observamos o esporte ser incorporado como uma questão crucial na edificação de identidades nos estados modernos, acreditamos que a preparação dos atletas passa a ser mais enfatizada, afinal a vitória do atleta era metaforizada como a vitória da nação. Por conseguinte, o papel do treinador passa a ser mais decisivo, afinal ele “administra” esta representação nacional.

Logo após, falaremos da preponderância do campo econômico frente ao esporte. Neste panorama, podemos indicar a ideia de Indústria Cultural¹, que transforma os atores do esporte em celebridades, inclusive os treinadores.



Campos e Interações: a produção de sentido

Consideramos a interações entre os campos e as disputas internas a matéria-prima para a produção de sentidos. A seguir, vamos relacionar alguns conceitos que sustentam nossa hipótese.

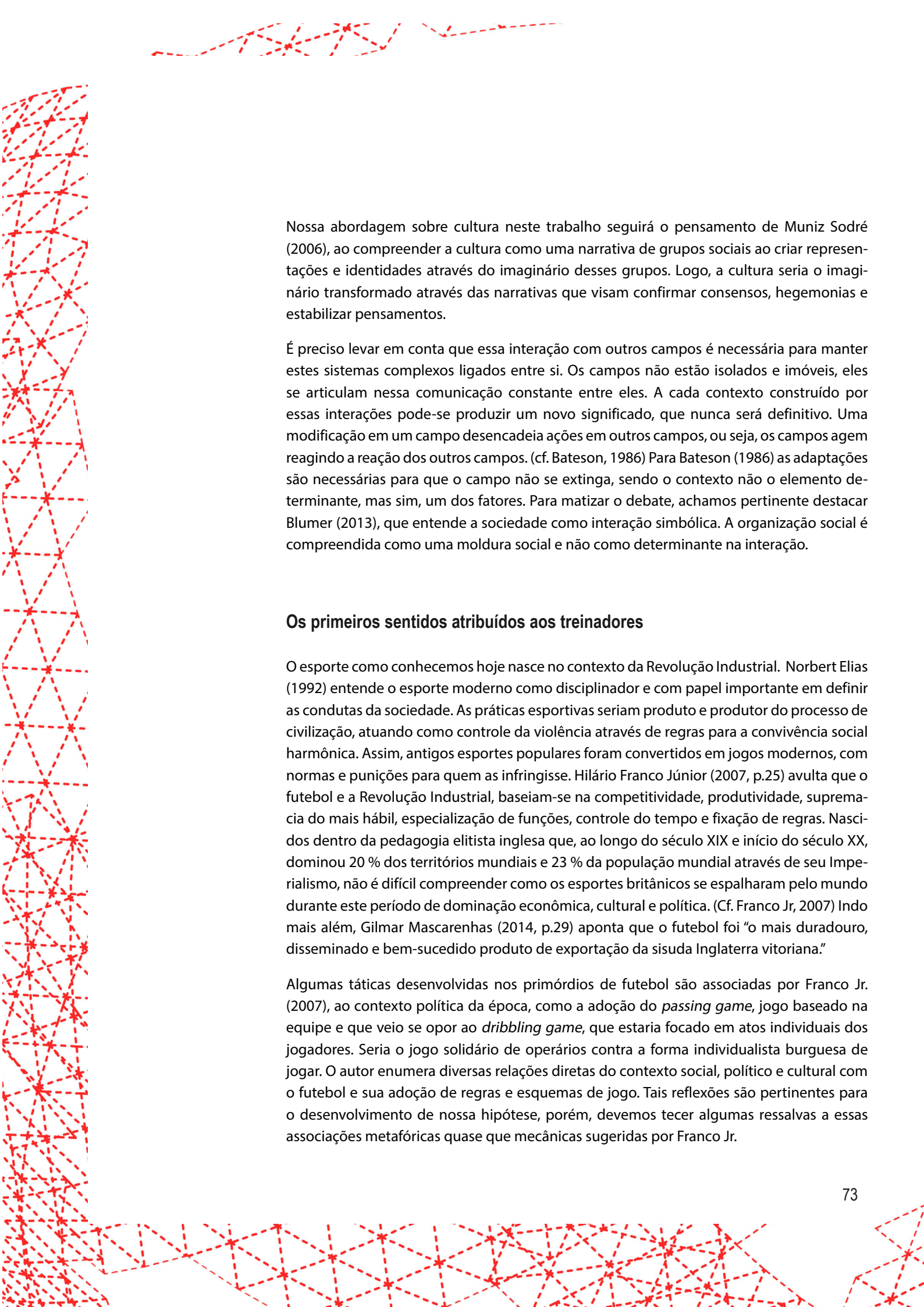
Queremos deixar claro que associações automáticas entre contexto e futebol acabam resultando em estereótipos que são acionados pelos meios de comunicação quando se pretende realizar uma compreensão imediata de determinada situação. Giulianotti afirma que:

existe um “círculo hermenêutico” entre usar essas partículas da vida social para compreender o contexto social mais amplo e usá-lo para explicar umas de suas características particulares. O futebol e outros tipos de práticas esportivas não são “dependentes” da sociedade mais ampla; são influenciados pelo contexto social mais amplo e ao mesmo o tempo o influenciam.” (GIULIANOTTI, 2010, p.11)

Bateson (1972) destaca que o futebol nos fornece uma espécie de mapa, uma representação metafórica, que melhora nossa compreensão daquela sociedade. Contudo, não a define. O futebol influencia, mas mantém sua dependência, conforme Giulianotti define de maneira apropriada: “o futebol é certamente modelado por e dentro de uma sociedade mais geral, mas ele produz seu próprio universo de relações de poder, significados, discursos e estilos estéticos.” (GIULIANOTTI, 2010, p.167)

Para deixar mais claro a composição e característica do campo, traremos agora algumas argumentações de Bourdieu (2004a), que serão valorosas para iniciarmos este ensaio. O campo é um mundo social, e faz solicitações e imposições, é independente, com sua própria história e lógica, ao mesmo tempo em que não é totalmente livre por fazer parte de uma estrutura, sofrendo influência de outros campos. Contudo, ele não está sujeito a todas as demandas político-econômicas do contexto, ele pode rejeitar pressões externas. Quanto mais autônomo um campo, maior o seu poder de refração e retradução das imposições. Nas palavras de Bourdieu: “todo campo é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (2004b, p.23). É o caso do campo esportivo que vamos abordar durante o ensaio.

Tais definições reforçam o poder das interações entre os campos e dentro deles também. Através dessas associações se determinam os sentidos sociais. Portanto, para compreender o futebol e a posição do treinador é necessário conhecer as relações entre esses agentes do campo. Como Bourdieu afirma: “o que define a estrutura de um campo num dado momento é a estrutura da distribuição do capital científico entre os diferentes agentes engajados neste campo”. (2004b, p.26) Quem domina o campo em determinado contexto, define as regras e simbologias do próprio campo, conservando ou modificando seus sentidos. Por isso os campos estão em permanente batalhas, “onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (HALL, 2003, p.255).



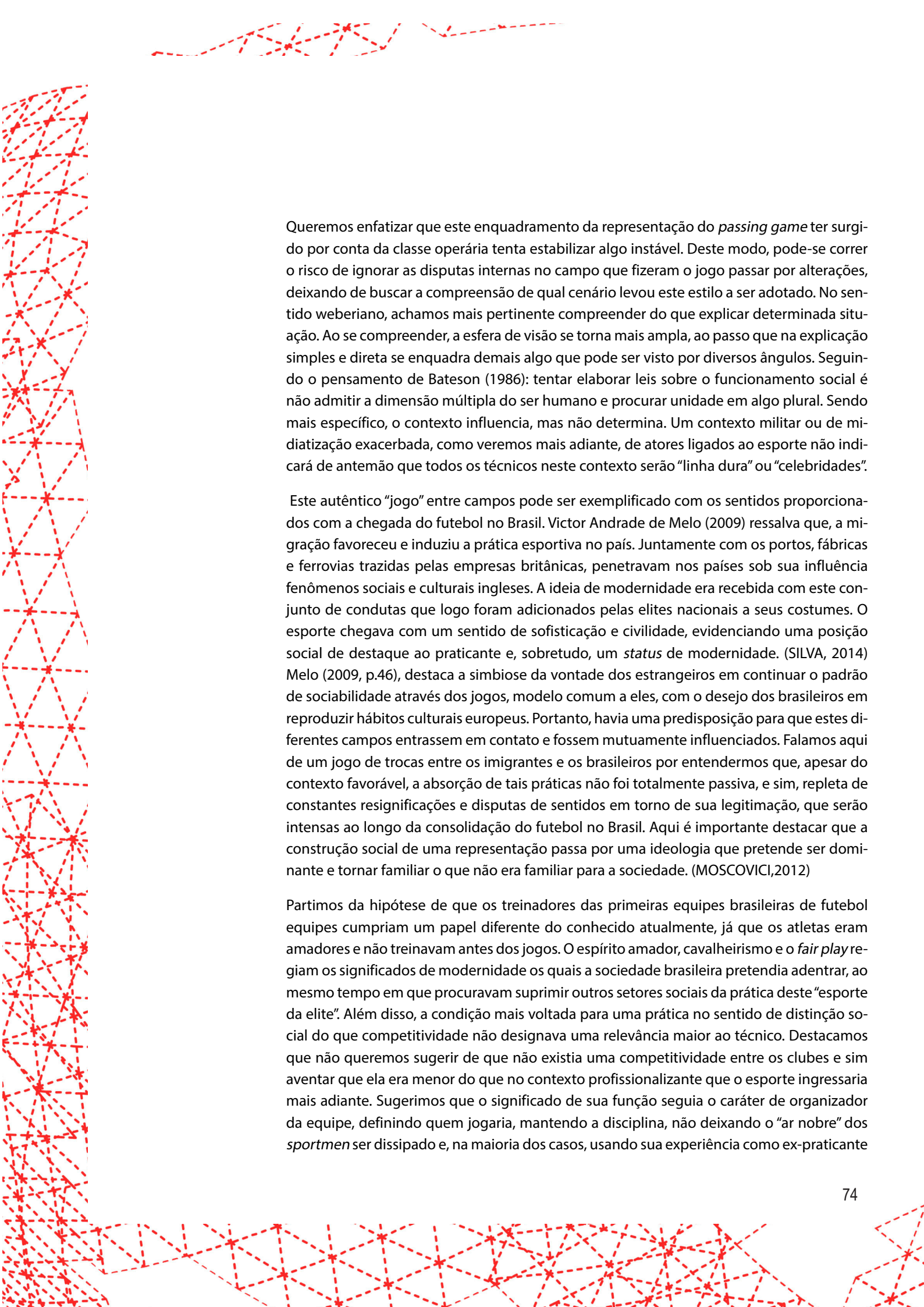
Nossa abordagem sobre cultura neste trabalho seguirá o pensamento de Muniz Sodré (2006), ao compreender a cultura como uma narrativa de grupos sociais ao criar representações e identidades através do imaginário desses grupos. Logo, a cultura seria o imaginário transformado através das narrativas que visam confirmar consensos, hegemonias e estabilizar pensamentos.

É preciso levar em conta que essa interação com outros campos é necessária para manter estes sistemas complexos ligados entre si. Os campos não estão isolados e imóveis, eles se articulam nessa comunicação constante entre eles. A cada contexto construído por essas interações pode-se produzir um novo significado, que nunca será definitivo. Uma modificação em um campo desencadeia ações em outros campos, ou seja, os campos agem reagindo a reação dos outros campos. (cf. Bateson, 1986) Para Bateson (1986) as adaptações são necessárias para que o campo não se extinga, sendo o contexto não o elemento determinante, mas sim, um dos fatores. Para matizar o debate, achamos pertinente destacar Blumer (2013), que entende a sociedade como interação simbólica. A organização social é compreendida como uma moldura social e não como determinante na interação.

Os primeiros sentidos atribuídos aos treinadores

O esporte como conhecemos hoje nasce no contexto da Revolução Industrial. Norbert Elias (1992) entende o esporte moderno como disciplinador e com papel importante em definir as condutas da sociedade. As práticas esportivas seriam produto e produtor do processo de civilização, atuando como controle da violência através de regras para a convivência social harmônica. Assim, antigos esportes populares foram convertidos em jogos modernos, com normas e punições para quem as infringisse. Hilário Franco Júnior (2007, p.25) avulta que o futebol e a Revolução Industrial, baseiam-se na competitividade, produtividade, supremacia do mais hábil, especialização de funções, controle do tempo e fixação de regras. Nascidos dentro da pedagogia elitista inglesa que, ao longo do século XIX e início do século XX, dominou 20 % dos territórios mundiais e 23 % da população mundial através de seu Imperialismo, não é difícil compreender como os esportes britânicos se espalharam pelo mundo durante este período de dominação econômica, cultural e política. (Cf. Franco Jr, 2007) Indo mais além, Gilmar Mascarenhas (2014, p.29) aponta que o futebol foi “o mais duradouro, disseminado e bem-sucedido produto de exportação da sisuda Inglaterra vitoriana.”

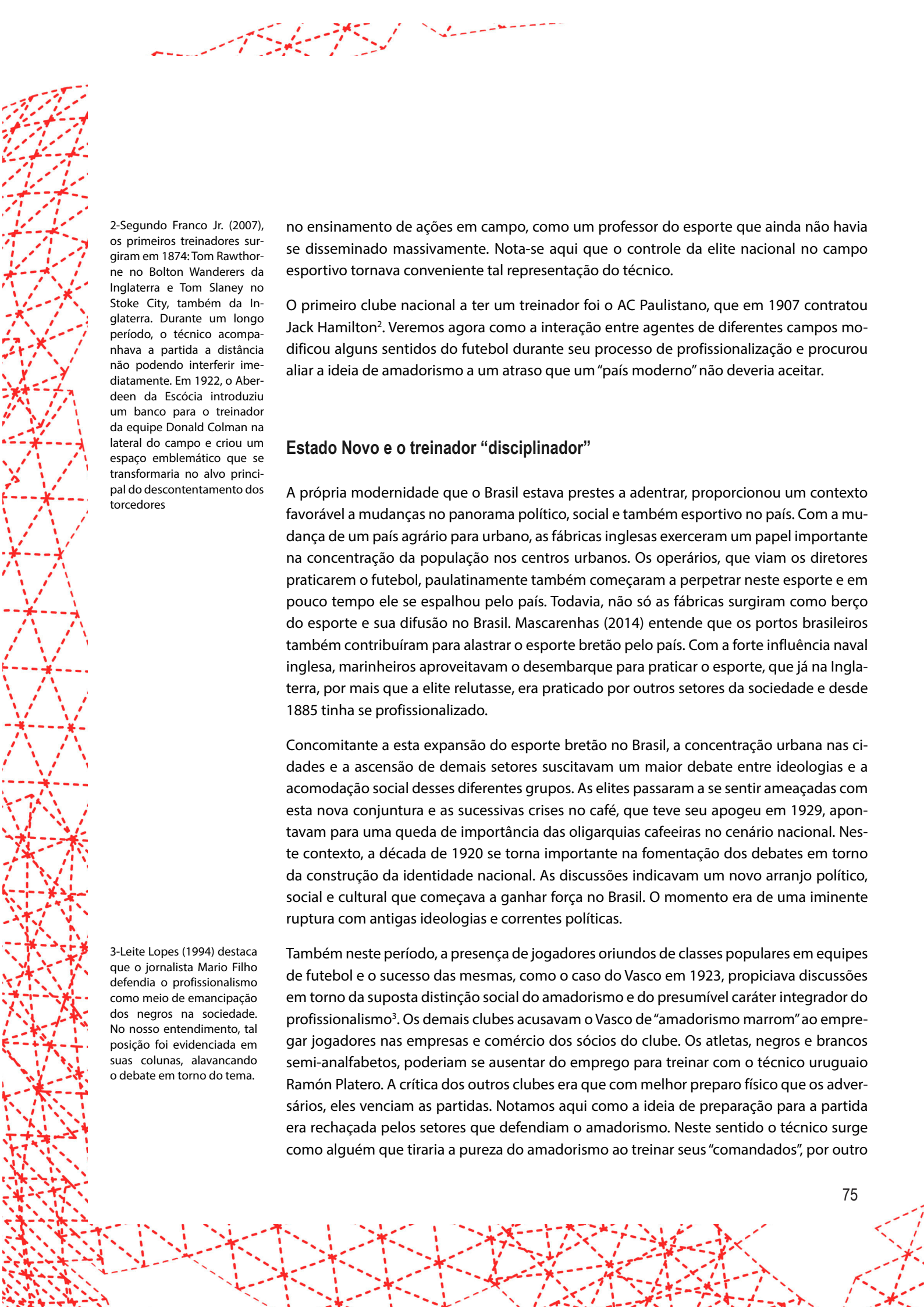
Algumas táticas desenvolvidas nos primórdios de futebol são associadas por Franco Jr. (2007), ao contexto política da época, como a adoção do *passing game*, jogo baseado na equipe e que veio se opor ao *dribbling game*, que estaria focado em atos individuais dos jogadores. Seria o jogo solidário de operários contra a forma individualista burguesa de jogar. O autor enumera diversas relações diretas do contexto social, político e cultural com o futebol e sua adoção de regras e esquemas de jogo. Tais reflexões são pertinentes para o desenvolvimento de nossa hipótese, porém, devemos tecer algumas ressalvas a essas associações metafóricas quase que mecânicas sugeridas por Franco Jr.



Queremos enfatizar que este enquadramento da representação do *passing game* ter surgido por conta da classe operária tenta estabilizar algo instável. Deste modo, pode-se correr o risco de ignorar as disputas internas no campo que fizeram o jogo passar por alterações, deixando de buscar a compreensão de qual cenário levou este estilo a ser adotado. No sentido weberiano, achamos mais pertinente compreender do que explicar determinada situação. Ao se compreender, a esfera de visão se torna mais ampla, ao passo que na explicação simples e direta se enquadra demais algo que pode ser visto por diversos ângulos. Seguindo o pensamento de Bateson (1986): tentar elaborar leis sobre o funcionamento social é não admitir a dimensão múltipla do ser humano e procurar unidade em algo plural. Sendo mais específico, o contexto influencia, mas não determina. Um contexto militar ou de midiaticização exacerbada, como veremos mais adiante, de atores ligados ao esporte não indicará de antemão que todos os técnicos neste contexto serão “linha dura” ou “celebridades”.

Este autêntico “jogo” entre campos pode ser exemplificado com os sentidos proporcionados com a chegada do futebol no Brasil. Victor Andrade de Melo (2009) ressalva que, a migração favoreceu e induziu a prática esportiva no país. Juntamente com os portos, fábricas e ferrovias trazidas pelas empresas britânicas, penetravam nos países sob sua influência fenômenos sociais e culturais ingleses. A ideia de modernidade era recebida com este conjunto de condutas que logo foram adicionados pelas elites nacionais a seus costumes. O esporte chegava com um sentido de sofisticação e civilidade, evidenciando uma posição social de destaque ao praticante e, sobretudo, um *status* de modernidade. (SILVA, 2014) Melo (2009, p.46), destaca a simbiose da vontade dos estrangeiros em continuar o padrão de sociabilidade através dos jogos, modelo comum a eles, com o desejo dos brasileiros em reproduzir hábitos culturais europeus. Portanto, havia uma predisposição para que estes diferentes campos entrassem em contato e fossem mutuamente influenciados. Falamos aqui de um jogo de trocas entre os imigrantes e os brasileiros por entendermos que, apesar do contexto favorável, a absorção de tais práticas não foi totalmente passiva, e sim, repleta de constantes ressignificações e disputas de sentidos em torno de sua legitimação, que serão intensas ao longo da consolidação do futebol no Brasil. Aqui é importante destacar que a construção social de uma representação passa por uma ideologia que pretende ser dominante e tornar familiar o que não era familiar para a sociedade. (MOSCOVICI, 2012)

Partimos da hipótese de que os treinadores das primeiras equipes brasileiras de futebol equipes cumpriam um papel diferente do conhecido atualmente, já que os atletas eram amadores e não treinavam antes dos jogos. O espírito amador, cavalheirismo e o *fair play* regiam os significados de modernidade os quais a sociedade brasileira pretendia adentrar, ao mesmo tempo em que procuravam suprimir outros setores sociais da prática deste “esporte da elite”. Além disso, a condição mais voltada para uma prática no sentido de distinção social do que competitividade não designava uma relevância maior ao técnico. Destacamos que não queremos sugerir de que não existia uma competitividade entre os clubes e sim aventar que ela era menor do que no contexto profissionalizante que o esporte ingressaria mais adiante. Sugerimos que o significado de sua função seguia o caráter de organizador da equipe, definindo quem jogaria, mantendo a disciplina, não deixando o “ar nobre” dos *sportmen* ser dissipado e, na maioria dos casos, usando sua experiência como ex-praticante



2-Segundo Franco Jr. (2007), os primeiros treinadores surgiram em 1874: Tom Rawthorne no Bolton Wanderers da Inglaterra e Tom Slaney no Stoke City, também da Inglaterra. Durante um longo período, o técnico acompanhava a partida a distância não podendo interferir imediatamente. Em 1922, o Aberdeen da Escócia introduziu um banco para o treinador da equipe Donald Colman na lateral do campo e criou um espaço emblemático que se transformaria no alvo principal do descontentamento dos torcedores

3-Leite Lopes (1994) destaca que o jornalista Mario Filho defendia o profissionalismo como meio de emancipação dos negros na sociedade. No nosso entendimento, tal posição foi evidenciada em suas colunas, alavancando o debate em torno do tema.

no ensinamento de ações em campo, como um professor do esporte que ainda não havia se disseminado massivamente. Nota-se aqui que o controle da elite nacional no campo esportivo tornava conveniente tal representação do técnico.

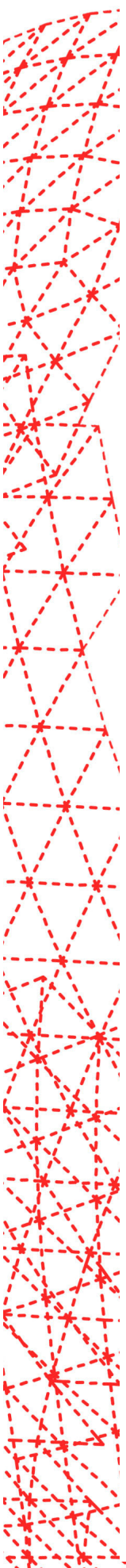
O primeiro clube nacional a ter um treinador foi o AC Paulistano, que em 1907 contratou Jack Hamilton². Veremos agora como a interação entre agentes de diferentes campos modificou alguns sentidos do futebol durante seu processo de profissionalização e procurou aliar a ideia de amadorismo a um atraso que um “país moderno” não deveria aceitar.

Estado Novo e o treinador “disciplinador”

A própria modernidade que o Brasil estava prestes a adentrar, proporcionou um contexto favorável a mudanças no panorama político, social e também esportivo no país. Com a mudança de um país agrário para urbano, as fábricas inglesas exerceram um papel importante na concentração da população nos centros urbanos. Os operários, que viam os diretores praticarem o futebol, paulatinamente também começaram a perpetrar neste esporte e em pouco tempo ele se espalhou pelo país. Todavia, não só as fábricas surgiram como berço do esporte e sua difusão no Brasil. Mascarenhas (2014) entende que os portos brasileiros também contribuíram para alastrar o esporte bretão pelo país. Com a forte influência naval inglesa, marinheiros aproveitavam o desembarque para praticar o esporte, que já na Inglaterra, por mais que a elite relutasse, era praticado por outros setores da sociedade e desde 1885 tinha se profissionalizado.

Concomitante a esta expansão do esporte bretão no Brasil, a concentração urbana nas cidades e a ascensão de demais setores suscitavam um maior debate entre ideologias e a acomodação social desses diferentes grupos. As elites passaram a se sentir ameaçadas com esta nova conjuntura e as sucessivas crises no café, que teve seu apogeu em 1929, apontavam para uma queda de importância das oligarquias cafeeiras no cenário nacional. Neste contexto, a década de 1920 se torna importante na fomentação dos debates em torno da construção da identidade nacional. As discussões indicavam um novo arranjo político, social e cultural que começava a ganhar força no Brasil. O momento era de uma iminente ruptura com antigas ideologias e correntes políticas.

Também neste período, a presença de jogadores oriundos de classes populares em equipes de futebol e o sucesso das mesmas, como o caso do Vasco em 1923, propiciava discussões em torno da suposta distinção social do amadorismo e do presumível caráter integrador do profissionalismo³. Os demais clubes acusavam o Vasco de “amadorismo marrom” ao empregar jogadores nas empresas e comércio dos sócios do clube. Os atletas, negros e brancos semi-analfabetos, poderiam se ausentar do emprego para treinar com o técnico uruguaio Ramón Platero. A crítica dos outros clubes era que com melhor preparo físico que os adversários, eles venciam as partidas. Notamos aqui como a ideia de preparação para a partida era rechaçada pelos setores que defendiam o amadorismo. Neste sentido o técnico surge como alguém que tiraria a pureza do amadorismo ao treinar seus “comandados”, por outro



lado seu papel ganha destaque para os que defendiam o profissionalismo.

O futebol aquela altura já tinha se transformado em um mobilizador social eficiente. Jovens vindos de camadas populares viam no futebol uma oportunidade de ascensão social. Aliado ao início das transmissões esportivas pelo rádio e da intensificação das notícias esportivas, capitaneadas por Mario Filho no Rio de Janeiro e Thomaz Mazzoni em São Paulo, o esporte se transforma em um campo de forte influência na vida social, política e econômica no país. Segundo Melo (2009), ao ampliar a possibilidade participação popular, a prática esportiva se insere na lógica da cultura de massa, “e os populares começam a também poder praticar, não somente assistir.” (p.73) Para nós, o papel dos meios de comunicação de massa nesta robustez do campo esportivo é decisivo. A seguir, falaremos de como agentes do campo político também incorporaram o esporte ao seu discurso.

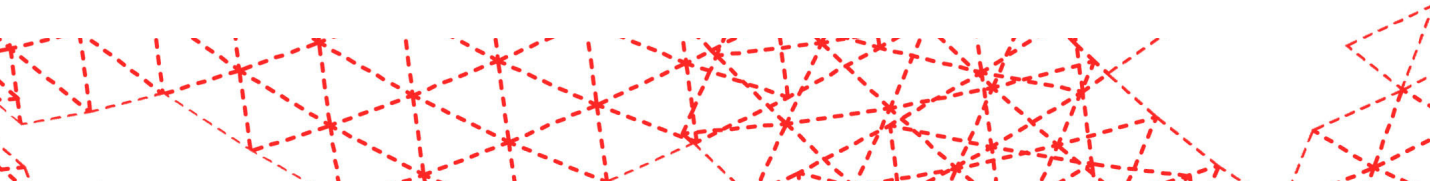
Getúlio Vargas assumiu o governo provisório em 1930 e tentava unificar um país repleto de regionalismos e características peculiares. Para costurar essa colcha de retalhos e dar forma a uma nação, Vargas utilizou o poder impulsionador do esporte, especificamente o futebol, para difundir sentimentos nacionalistas e de singularidade sobre o Brasil, na tentativa de sobrepor regionalismos. Neste sentido, concordamos com Eric Hobsbawm (1990) ao definir o esporte como um meio privilegiado de difusão e reforço de sentimentos nacionalistas, uma vez que permite a identificação fácil, rápida e imediata entre os atletas representantes da nação e seus torcedores.

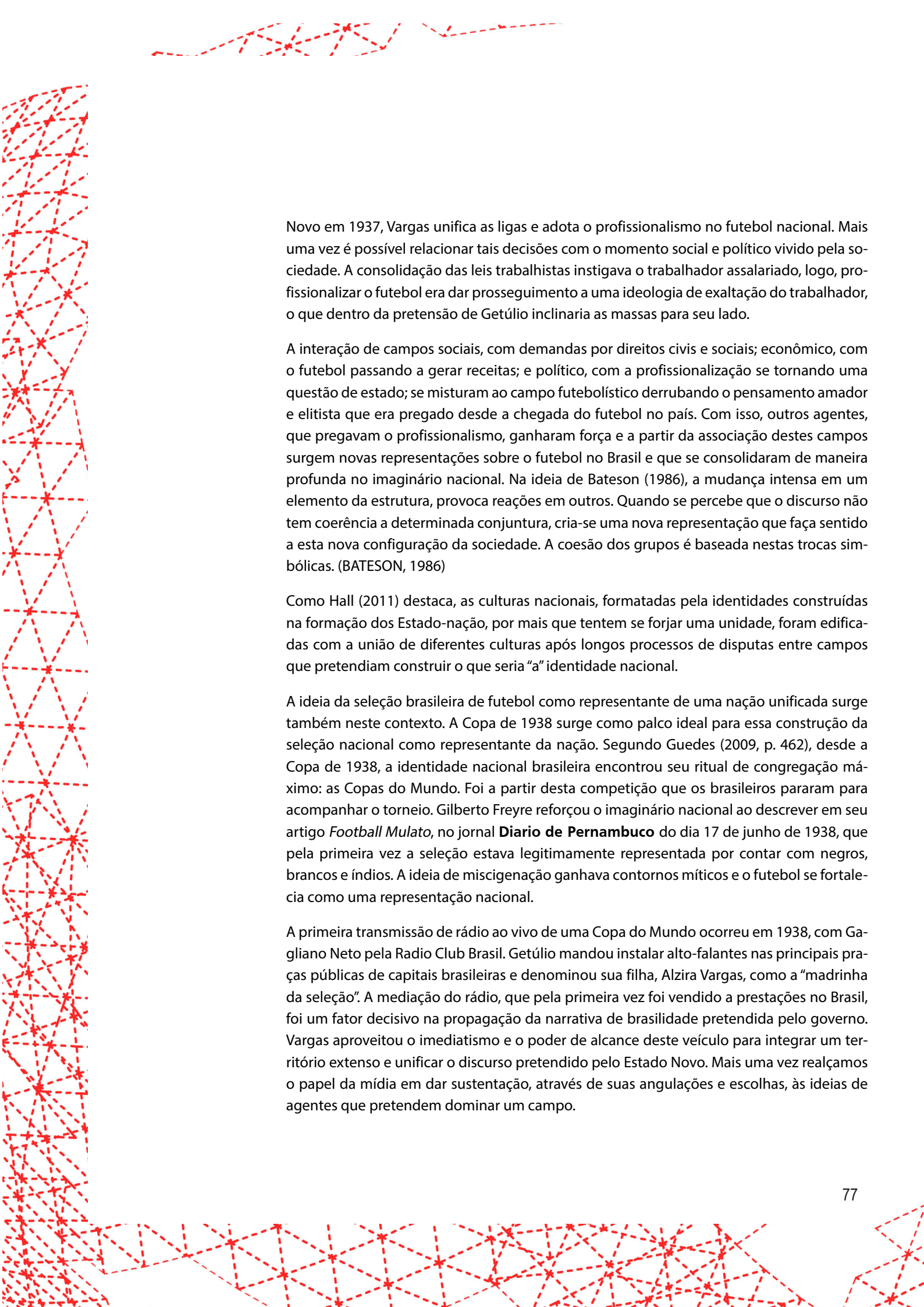
Contudo, antes de exaltar o futebol como exemplo de unificação nacional, foi necessário uniformizar e arrefecer as disputas dentro desse campo. Aqui notamos que para utilizar o campo esportivo a seu favor, foi necessário exercer uma influência neste campo para unificar significados, demonstrando a importância das interações entre os campos. As principais querelas foram cristalizadas nas duas participações brasileiras em Copas do Mundo: 1930 e 1934. Na primeira competição um desentendimento entre APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e CBD (Confederação Brasileira de Desportos) aflorou o duelo no campo esportivo nacional entre paulistas e cariocas. O resultado foi uma equipe embarcando para o Uruguai sem os paulistas e que acabou sendo eliminada na primeira fase, após perder para a Iugoslávia (2 a 1) e vencer a Bolívia (4 a 0). O treinador escolhido pela CBD, Luiz Vinhaes, preferiu ficar treinando o Fluminense e deixou Píndaro de Carvalho⁴, comandar a seleção. Em 1934, a CBD, que defendia o amadorismo, foi para a Copa da Itália basicamente com atletas do Botafogo e São Paulo, também adeptos do futebol amador⁵. Desta vez, Vinhaes aceitou o convite e foi o “selecionador” dos “atletas da CBD”, conforme **Jornal do Brasil** e o jornal **A Noite** o denominavam. Nota-se aqui o sentido ainda pouco decisivo ao técnico, por ser representado como alguém que seleciona os titulares, diferente de treinador de 1938, que veremos mais adiante.

As outras equipes que adotaram o profissionalismo estavam filiadas a FBF (Federação Brasileira de Futebol) desde 1933. O êxodo dos jogadores para países onde já existia o profissionalismo também era considerável desde o início dos anos 1930. Isto serviu para a argumentação de que o atraso na adoção do profissionalismo nos fazia perder nossos craques como Leônidas, Fausto e Domingos da Guia (cf. PRONI, 2000). Deste modo, ao implantar o Estado

4-Píndaro de Carvalho esteve presente na considerada primeira partida da seleção brasileira de futebol, no dia 21 de julho de 1914 contra o Exeter City, como jogador. É interessante relacionar esta presença de ex-jogadores no comando da seleção ao conceito de habitus de Bourdieu.

5-Fica patente a contradição da CBD nesta Copa ao oferecer dinheiro a alguns atletas para deixar de serem profissionais para serem convocados. Leônidas, por exemplo, saiu do Vasco para jogar a competição e após o retorno ao Brasil foi defender o Botafogo





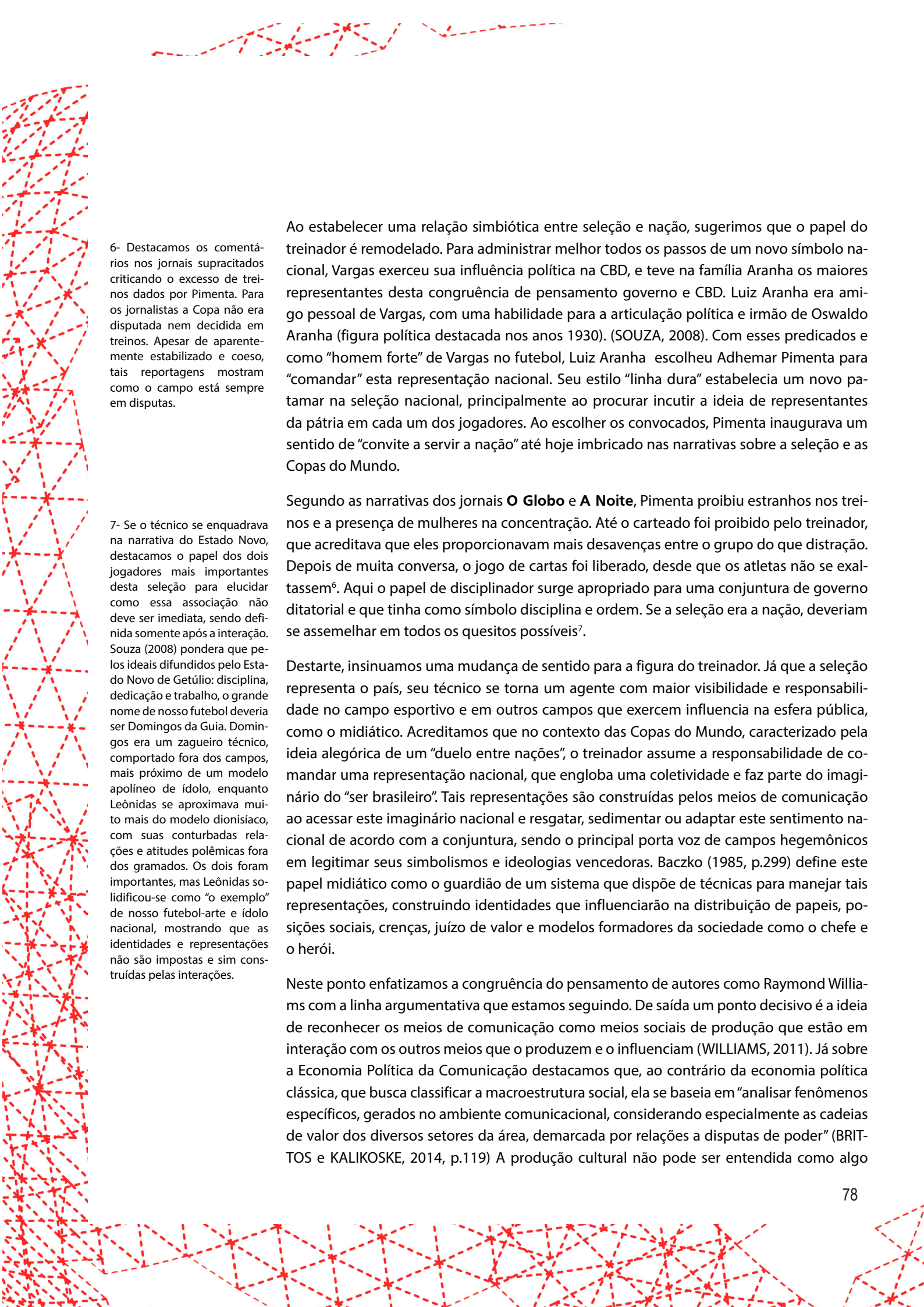
Novo em 1937, Vargas unifica as ligas e adota o profissionalismo no futebol nacional. Mais uma vez é possível relacionar tais decisões com o momento social e político vivido pela sociedade. A consolidação das leis trabalhistas instigava o trabalhador assalariado, logo, profissionalizar o futebol era dar prosseguimento a uma ideologia de exaltação do trabalhador, o que dentro da pretensão de Getúlio inclinaria as massas para seu lado.

A interação de campos sociais, com demandas por direitos civis e sociais; econômico, com o futebol passando a gerar receitas; e político, com a profissionalização se tornando uma questão de estado; se misturam ao campo futebolístico derrubando o pensamento amador e elitista que era pregado desde a chegada do futebol no país. Com isso, outros agentes, que pregavam o profissionalismo, ganharam força e a partir da associação destes campos surgem novas representações sobre o futebol no Brasil e que se consolidaram de maneira profunda no imaginário nacional. Na ideia de Bateson (1986), a mudança intensa em um elemento da estrutura, provoca reações em outros. Quando se percebe que o discurso não tem coerência a determinada conjuntura, cria-se uma nova representação que faça sentido a esta nova configuração da sociedade. A coesão dos grupos é baseada nestas trocas simbólicas. (BATESON, 1986)

Como Hall (2011) destaca, as culturas nacionais, formatadas pela identidades construídas na formação dos Estado-nação, por mais que tentem se forjar uma unidade, foram edificadas com a união de diferentes culturas após longos processos de disputas entre campos que pretendiam construir o que seria “a” identidade nacional.

A ideia da seleção brasileira de futebol como representante de uma nação unificada surge também neste contexto. A Copa de 1938 surge como palco ideal para essa construção da seleção nacional como representante da nação. Segundo Guedes (2009, p. 462), desde a Copa de 1938, a identidade nacional brasileira encontrou seu ritual de congregação máximo: as Copas do Mundo. Foi a partir desta competição que os brasileiros pararam para acompanhar o torneio. Gilberto Freyre reforçou o imaginário nacional ao descrever em seu artigo *Football Mulato*, no jornal **Diário de Pernambuco** do dia 17 de junho de 1938, que pela primeira vez a seleção estava legitimamente representada por contar com negros, brancos e índios. A ideia de miscigenação ganhava contornos míticos e o futebol se fortalecia como uma representação nacional.

A primeira transmissão de rádio ao vivo de uma Copa do Mundo ocorreu em 1938, com Gagliano Neto pela Radio Club Brasil. Getúlio mandou instalar alto-falantes nas principais praças públicas de capitais brasileiras e denominou sua filha, Alzira Vargas, como a “madrinha da seleção”. A mediação do rádio, que pela primeira vez foi vendido a prestações no Brasil, foi um fator decisivo na propagação da narrativa de brasilidade pretendida pelo governo. Vargas aproveitou o imediatismo e o poder de alcance deste veículo para integrar um território extenso e unificar o discurso pretendido pelo Estado Novo. Mais uma vez realçamos o papel da mídia em dar sustentação, através de suas angulações e escolhas, às ideias de agentes que pretendem dominar um campo.



6- Destacamos os comentários nos jornais supracitados criticando o excesso de treinos dados por Pimenta. Para os jornalistas a Copa não era disputada nem decidida em treinos. Apesar de aparentemente estabilizado e coeso, tais reportagens mostram como o campo está sempre em disputas.

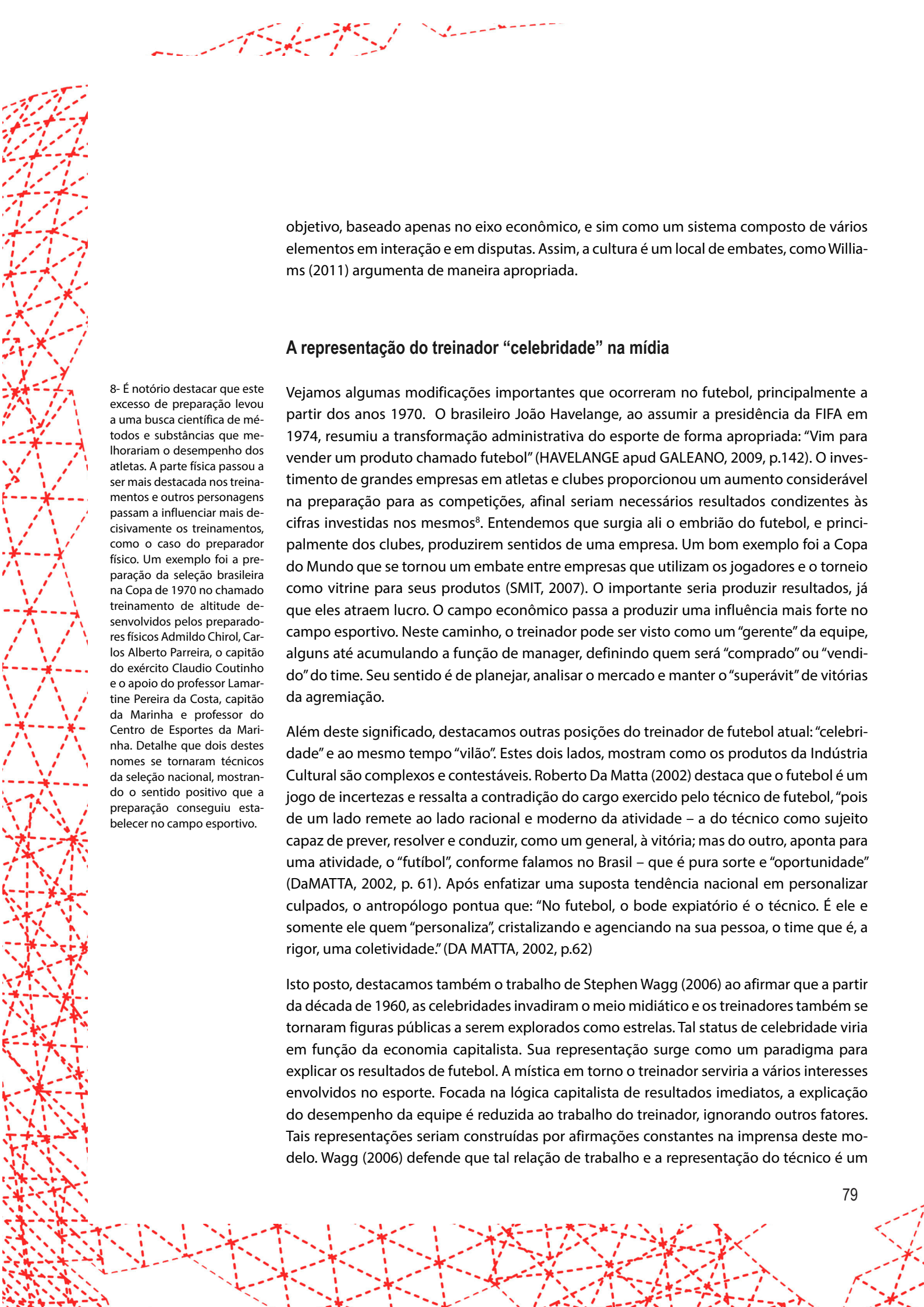
7- Se o técnico se enquadrava na narrativa do Estado Novo, destacamos o papel dos dois jogadores mais importantes desta seleção para elucidar como essa associação não deve ser imediata, sendo definida somente após a interação. Souza (2008) pondera que pelos ideais difundidos pelo Estado Novo de Getúlio: disciplina, dedicação e trabalho, o grande nome de nosso futebol deveria ser Domingos da Guia. Domingos era um zagueiro técnico, comportado fora dos campos, mais próximo de um modelo apolíneo de ídolo, enquanto Leônidas se aproximava muito mais do modelo dionisíaco, com suas conturbadas relações e atitudes polêmicas fora dos gramados. Os dois foram importantes, mas Leônidas solidificou-se como “o exemplo” de nosso futebol-arte e ídolo nacional, mostrando que as identidades e representações não são impostas e sim construídas pelas interações.

Ao estabelecer uma relação simbiótica entre seleção e nação, sugerimos que o papel do treinador é remodelado. Para administrar melhor todos os passos de um novo símbolo nacional, Vargas exerceu sua influência política na CBD, e teve na família Aranha os maiores representantes desta congruência de pensamento governo e CBD. Luiz Aranha era amigo pessoal de Vargas, com uma habilidade para a articulação política e irmão de Oswaldo Aranha (figura política destacada nos anos 1930). (SOUZA, 2008). Com esses predicados e como “homem forte” de Vargas no futebol, Luiz Aranha escolheu Adhemar Pimenta para “comandar” esta representação nacional. Seu estilo “linha dura” estabelecia um novo patamar na seleção nacional, principalmente ao procurar incutir a ideia de representantes da pátria em cada um dos jogadores. Ao escolher os convocados, Pimenta inaugurava um sentido de “convite a servir a nação” até hoje imbricado nas narrativas sobre a seleção e as Copas do Mundo.

Segundo as narrativas dos jornais **O Globo** e **A Noite**, Pimenta proibiu estranhos nos treinos e a presença de mulheres na concentração. Até o carteado foi proibido pelo treinador, que acreditava que eles proporcionavam mais desavenças entre o grupo do que distração. Depois de muita conversa, o jogo de cartas foi liberado, desde que os atletas não se exaltassem⁶. Aqui o papel de disciplinador surge apropriado para uma conjuntura de governo ditatorial e que tinha como símbolo disciplina e ordem. Se a seleção era a nação, deveriam se assemelhar em todos os quesitos possíveis⁷.

Destarte, insinuamos uma mudança de sentido para a figura do treinador. Já que a seleção representa o país, seu técnico se torna um agente com maior visibilidade e responsabilidade no campo esportivo e em outros campos que exercem influência na esfera pública, como o midiático. Acreditamos que no contexto das Copas do Mundo, caracterizado pela ideia alegórica de um “duelo entre nações”, o treinador assume a responsabilidade de comandar uma representação nacional, que engloba uma coletividade e faz parte do imaginário do “ser brasileiro”. Tais representações são construídas pelos meios de comunicação ao acessar este imaginário nacional e resgatar, sedimentar ou adaptar este sentimento nacional de acordo com a conjuntura, sendo o principal porta voz de campos hegemônicos em legitimar seus simbolismos e ideologias vencedoras. Baczkó (1985, p.299) define este papel midiático como o guardião de um sistema que dispõe de técnicas para manejar tais representações, construindo identidades que influenciarão na distribuição de papéis, posições sociais, crenças, juízo de valor e modelos formadores da sociedade como o chefe e o herói.

Neste ponto enfatizamos a congruência do pensamento de autores como Raymond Williams com a linha argumentativa que estamos seguindo. De saída um ponto decisivo é a ideia de reconhecer os meios de comunicação como meios sociais de produção que estão em interação com os outros meios que o produzem e o influenciam (WILLIAMS, 2011). Já sobre a Economia Política da Comunicação destacamos que, ao contrário da economia política clássica, que busca classificar a macroestrutura social, ela se baseia em “analisar fenômenos específicos, gerados no ambiente comunicacional, considerando especialmente as cadeias de valor dos diversos setores da área, demarcada por relações a disputas de poder” (BRITTO e KALIKOSKE, 2014, p.119) A produção cultural não pode ser entendida como algo



8- É notório destacar que este excesso de preparação levou a uma busca científica de métodos e substâncias que melhorariam o desempenho dos atletas. A parte física passou a ser mais destacada nos treinamentos e outros personagens passam a influenciar mais decisivamente os treinamentos, como o caso do preparador físico. Um exemplo foi a preparação da seleção brasileira na Copa de 1970 no chamado treinamento de altitude desenvolvidos pelos preparadores físicos Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira, o capitão do exército Claudio Coutinho e o apoio do professor Lamar-tine Pereira da Costa, capitão da Marinha e professor do Centro de Esportes da Marinha. Detalhe que dois destes nomes se tornaram técnicos da seleção nacional, mostrando o sentido positivo que a preparação conseguiu estabelecer no campo esportivo.

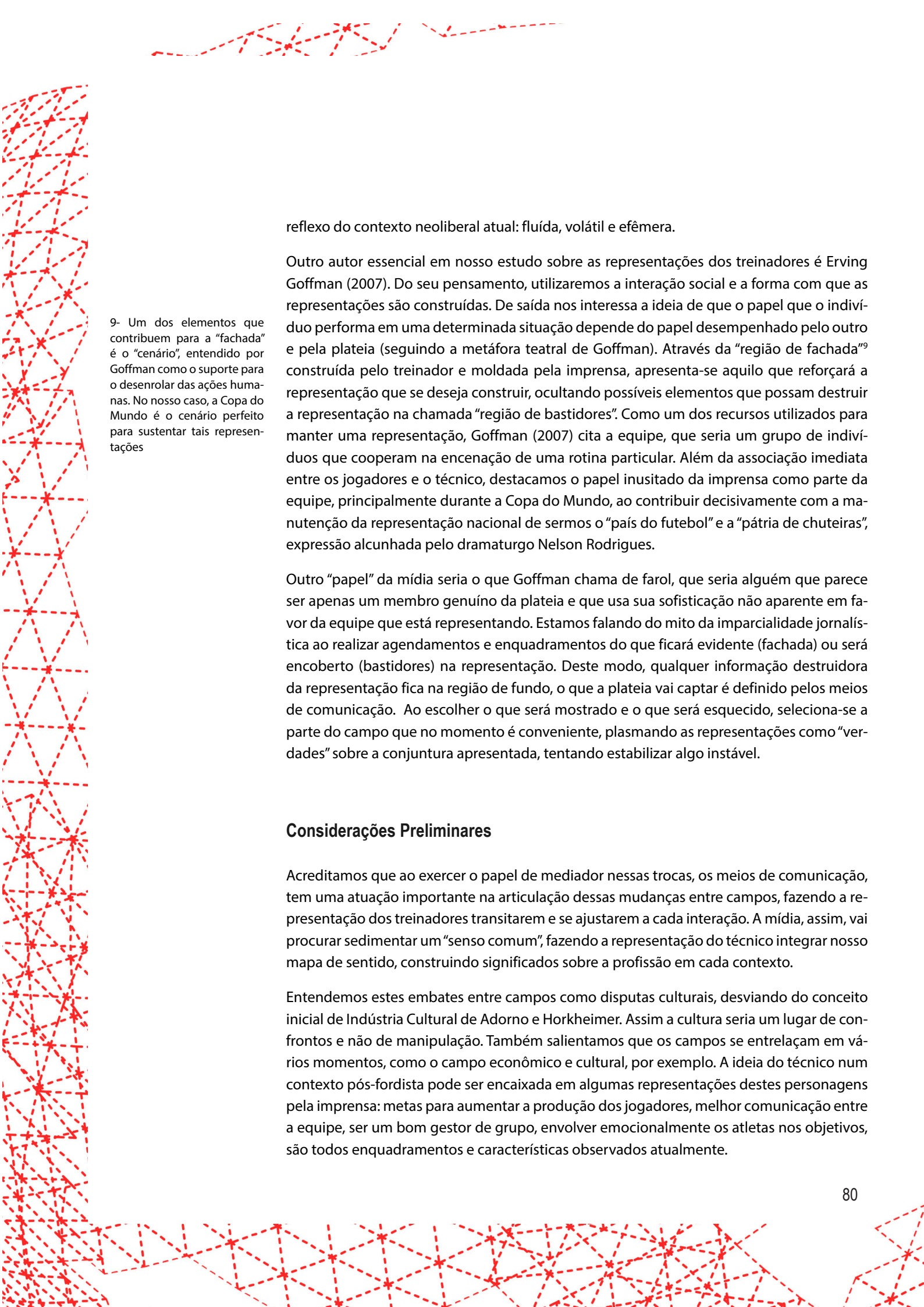
objetivo, baseado apenas no eixo econômico, e sim como um sistema composto de vários elementos em interação e em disputas. Assim, a cultura é um local de embates, como Williams (2011) argumenta de maneira apropriada.

A representação do treinador “celebridade” na mídia

Vejam algumas modificações importantes que ocorreram no futebol, principalmente a partir dos anos 1970. O brasileiro João Havelange, ao assumir a presidência da FIFA em 1974, resumiu a transformação administrativa do esporte de forma apropriada: “Vim para vender um produto chamado futebol” (HAVELANGE apud GALEANO, 2009, p.142). O investimento de grandes empresas em atletas e clubes proporcionou um aumento considerável na preparação para as competições, afinal seriam necessários resultados condizentes às cifras investidas nos mesmos⁸. Entendemos que surgia ali o embrião do futebol, e principalmente dos clubes, produzirem sentidos de uma empresa. Um bom exemplo foi a Copa do Mundo que se tornou um embate entre empresas que utilizam os jogadores e o torneio como vitrine para seus produtos (SMIT, 2007). O importante seria produzir resultados, já que eles atraem lucro. O campo econômico passa a produzir uma influência mais forte no campo esportivo. Neste caminho, o treinador pode ser visto como um “gerente” da equipe, alguns até acumulando a função de manager, definindo quem será “comprado” ou “vendido” do time. Seu sentido é de planejar, analisar o mercado e manter o “superávit” de vitórias da agremiação.

Além deste significado, destacamos outras posições do treinador de futebol atual: “celebridade” e ao mesmo tempo “vilão”. Estes dois lados, mostram como os produtos da Indústria Cultural são complexos e contestáveis. Roberto Da Matta (2002) destaca que o futebol é um jogo de incertezas e ressalta a contradição do cargo exercido pelo técnico de futebol, “pois de um lado remete ao lado racional e moderno da atividade – a do técnico como sujeito capaz de prever, resolver e conduzir, como um general, à vitória; mas do outro, aponta para uma atividade, o “futebol”, conforme falamos no Brasil – que é pura sorte e “oportunidade” (DaMATTa, 2002, p. 61). Após enfatizar uma suposta tendência nacional em personalizar culpados, o antropólogo pontua que: “No futebol, o bode expiatório é o técnico. É ele e somente ele quem “personaliza”, cristalizando e agenciando na sua pessoa, o time que é, a rigor, uma coletividade.” (DA MATTA, 2002, p.62)

Isto posto, destacamos também o trabalho de Stephen Wagg (2006) ao afirmar que a partir da década de 1960, as celebridades invadiram o meio midiático e os treinadores também se tornaram figuras públicas a serem explorados como estrelas. Tal status de celebridade viria em função da economia capitalista. Sua representação surge como um paradigma para explicar os resultados de futebol. A mística em torno o treinador serviria a vários interesses envolvidos no esporte. Focada na lógica capitalista de resultados imediatos, a explicação do desempenho da equipe é reduzida ao trabalho do treinador, ignorando outros fatores. Tais representações seriam construídas por afirmações constantes na imprensa deste modelo. Wagg (2006) defende que tal relação de trabalho e a representação do técnico é um



9- Um dos elementos que contribuem para a “fachada” é o “cenário”, entendido por Goffman como o suporte para o desenrolar das ações humanas. No nosso caso, a Copa do Mundo é o cenário perfeito para sustentar tais representações

reflexo do contexto neoliberal atual: fluída, volátil e efêmera.

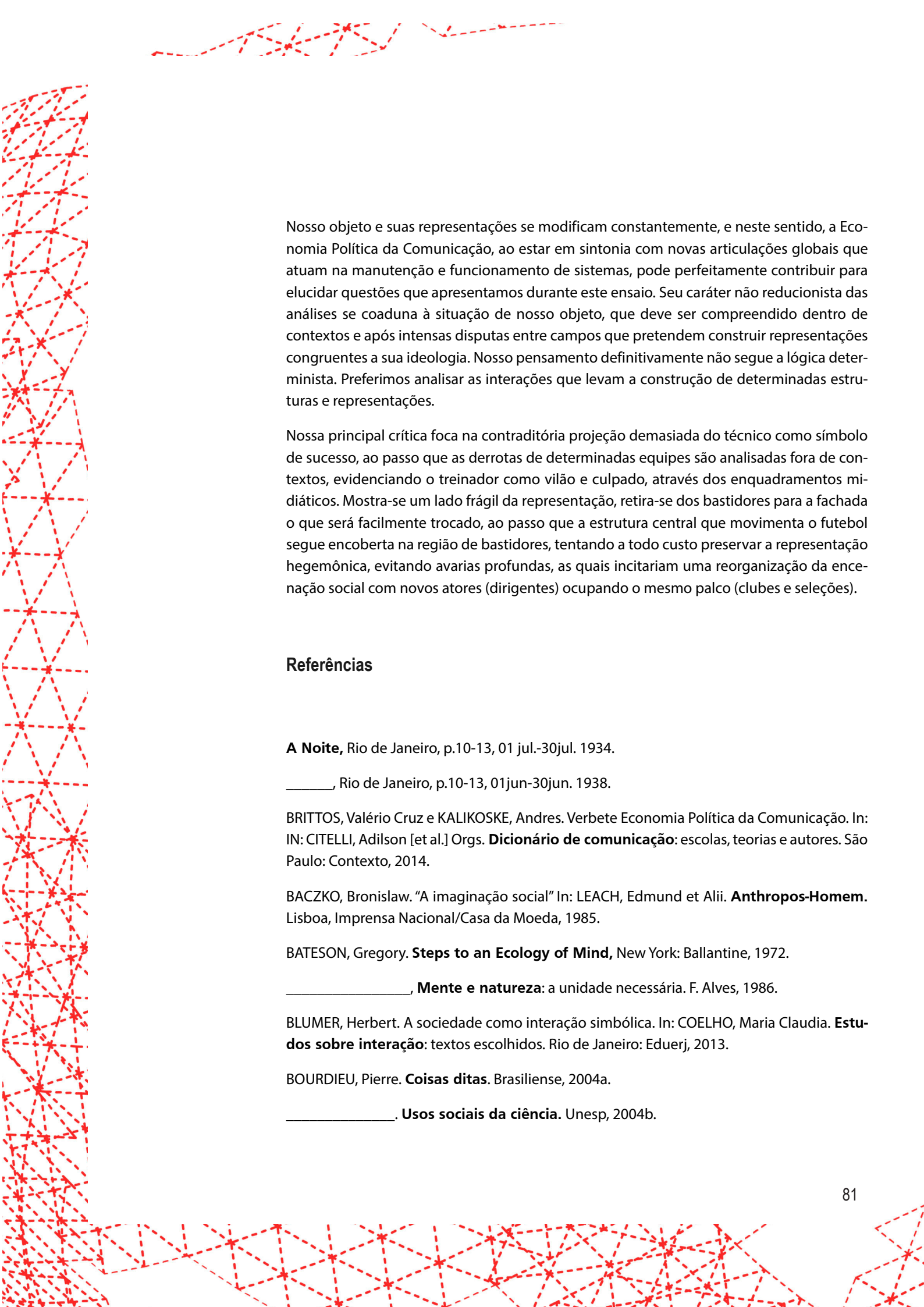
Outro autor essencial em nosso estudo sobre as representações dos treinadores é Erving Goffman (2007). Do seu pensamento, utilizaremos a interação social e a forma com que as representações são construídas. De saída nos interessa a ideia de que o papel que o indivíduo performa em uma determinada situação depende do papel desempenhado pelo outro e pela plateia (seguindo a metáfora teatral de Goffman). Através da “região de fachada”⁹ construída pelo treinador e moldada pela imprensa, apresenta-se aquilo que reforçará a representação que se deseja construir, ocultando possíveis elementos que possam destruir a representação na chamada “região de bastidores”. Como um dos recursos utilizados para manter uma representação, Goffman (2007) cita a equipe, que seria um grupo de indivíduos que cooperam na encenação de uma rotina particular. Além da associação imediata entre os jogadores e o técnico, destacamos o papel inusitado da imprensa como parte da equipe, principalmente durante a Copa do Mundo, ao contribuir decisivamente com a manutenção da representação nacional de sermos o “país do futebol” e a “pátria de chuteiras”, expressão alcunhada pelo dramaturgo Nelson Rodrigues.

Outro “papel” da mídia seria o que Goffman chama de farol, que seria alguém que parece ser apenas um membro genuíno da plateia e que usa sua sofisticação não aparente em favor da equipe que está representando. Estamos falando do mito da imparcialidade jornalística ao realizar agendamentos e enquadramentos do que ficará evidente (fachada) ou será encoberto (bastidores) na representação. Deste modo, qualquer informação destruidora da representação fica na região de fundo, o que a plateia vai captar é definido pelos meios de comunicação. Ao escolher o que será mostrado e o que será esquecido, seleciona-se a parte do campo que no momento é conveniente, plasmando as representações como “verdades” sobre a conjuntura apresentada, tentando estabilizar algo instável.

Considerações Preliminares

Acreditamos que ao exercer o papel de mediador nessas trocas, os meios de comunicação, tem uma atuação importante na articulação dessas mudanças entre campos, fazendo a representação dos treinadores transitarem e se ajustarem a cada interação. A mídia, assim, vai procurar sedimentar um “senso comum”, fazendo a representação do técnico integrar nosso mapa de sentido, construindo significados sobre a profissão em cada contexto.

Entendemos estes embates entre campos como disputas culturais, desviando do conceito inicial de Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer. Assim a cultura seria um lugar de confrontos e não de manipulação. Também salientamos que os campos se entrelaçam em vários momentos, como o campo econômico e cultural, por exemplo. A ideia do técnico num contexto pós-fordista pode ser encaixada em algumas representações destes personagens pela imprensa: metas para aumentar a produção dos jogadores, melhor comunicação entre a equipe, ser um bom gestor de grupo, envolver emocionalmente os atletas nos objetivos, são todos enquadramentos e características observados atualmente.



Nosso objeto e suas representações se modificam constantemente, e neste sentido, a Economia Política da Comunicação, ao estar em sintonia com novas articulações globais que atuam na manutenção e funcionamento de sistemas, pode perfeitamente contribuir para elucidar questões que apresentamos durante este ensaio. Seu caráter não reducionista das análises se coaduna à situação de nosso objeto, que deve ser compreendido dentro de contextos e após intensas disputas entre campos que pretendem construir representações congruentes a sua ideologia. Nosso pensamento definitivamente não segue a lógica determinista. Preferimos analisar as interações que levam a construção de determinadas estruturas e representações.

Nossa principal crítica foca na contraditória projeção demasiada do técnico como símbolo de sucesso, ao passo que as derrotas de determinadas equipes são analisadas fora de contextos, evidenciando o treinador como vilão e culpado, através dos enquadramentos midiáticos. Mostra-se um lado frágil da representação, retira-se dos bastidores para a fachada o que será facilmente trocado, ao passo que a estrutura central que movimenta o futebol segue encoberta na região de bastidores, tentando a todo custo preservar a representação hegemônica, evitando avarias profundas, as quais incitariam uma reorganização da enação social com novos atores (dirigentes) ocupando o mesmo palco (clubes e seleções).

Referências

A Noite, Rio de Janeiro, p.10-13, 01 jul.-30jul. 1934.

_____, Rio de Janeiro, p.10-13, 01jun-30jun. 1938.

BRITTOS, Valério Cruz e KALIKOSKE, Andres. Verbete Economia Política da Comunicação. In: IN: CITELLI, Adilson [et al.] Orgs. **Dicionário de comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

BACZKO, Bronislaw. "A imaginação social" In: LEACH, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

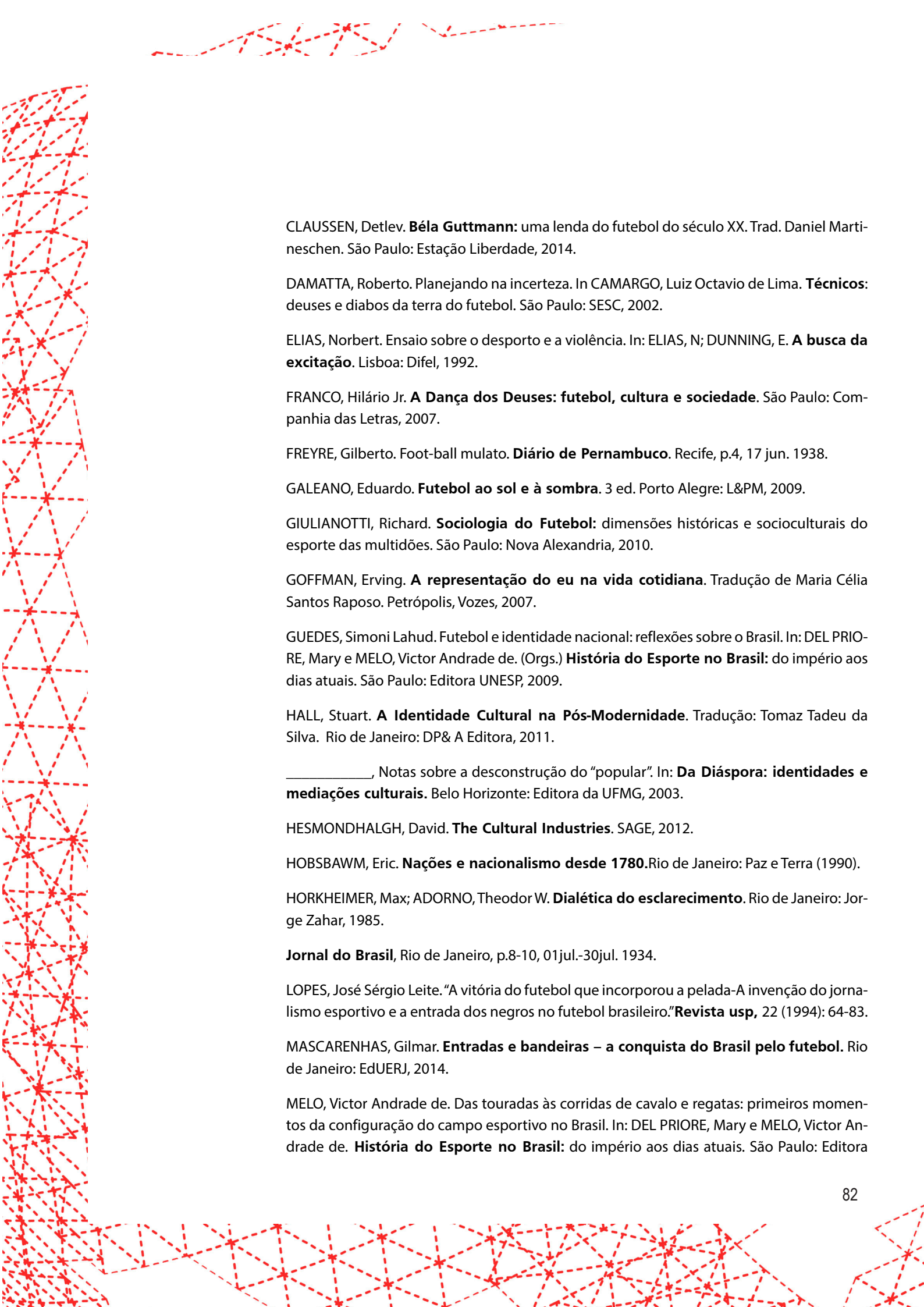
BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**, New York: Ballantine, 1972.

_____, **Mente e natureza**: a unidade necessária. F. Alves, 1986.

BLUMER, Herbert. A sociedade como interação simbólica. In: COELHO, Maria Claudia. **Estudos sobre interação**: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Brasiliense, 2004a.

_____. **Usos sociais da ciência**. Unesp, 2004b.



CLAUSSEN, Detlev. **Béla Guttmann**: uma lenda do futebol do século XX. Trad. Daniel Martineschen. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

DAMATTA, Roberto. Planejando na incerteza. In CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Técnicos**: deuses e diabos da terra do futebol. São Paulo: SESC, 2002.

ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCO, Hilário Jr. **A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**. Recife, p.4, 17 jun. 1938.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3 ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2007.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) **História do Esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2011.

_____, Notas sobre a desconstrução do "popular". In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HESMONDHALGH, David. **The Cultural Industries**. SAGE, 2012.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1990).

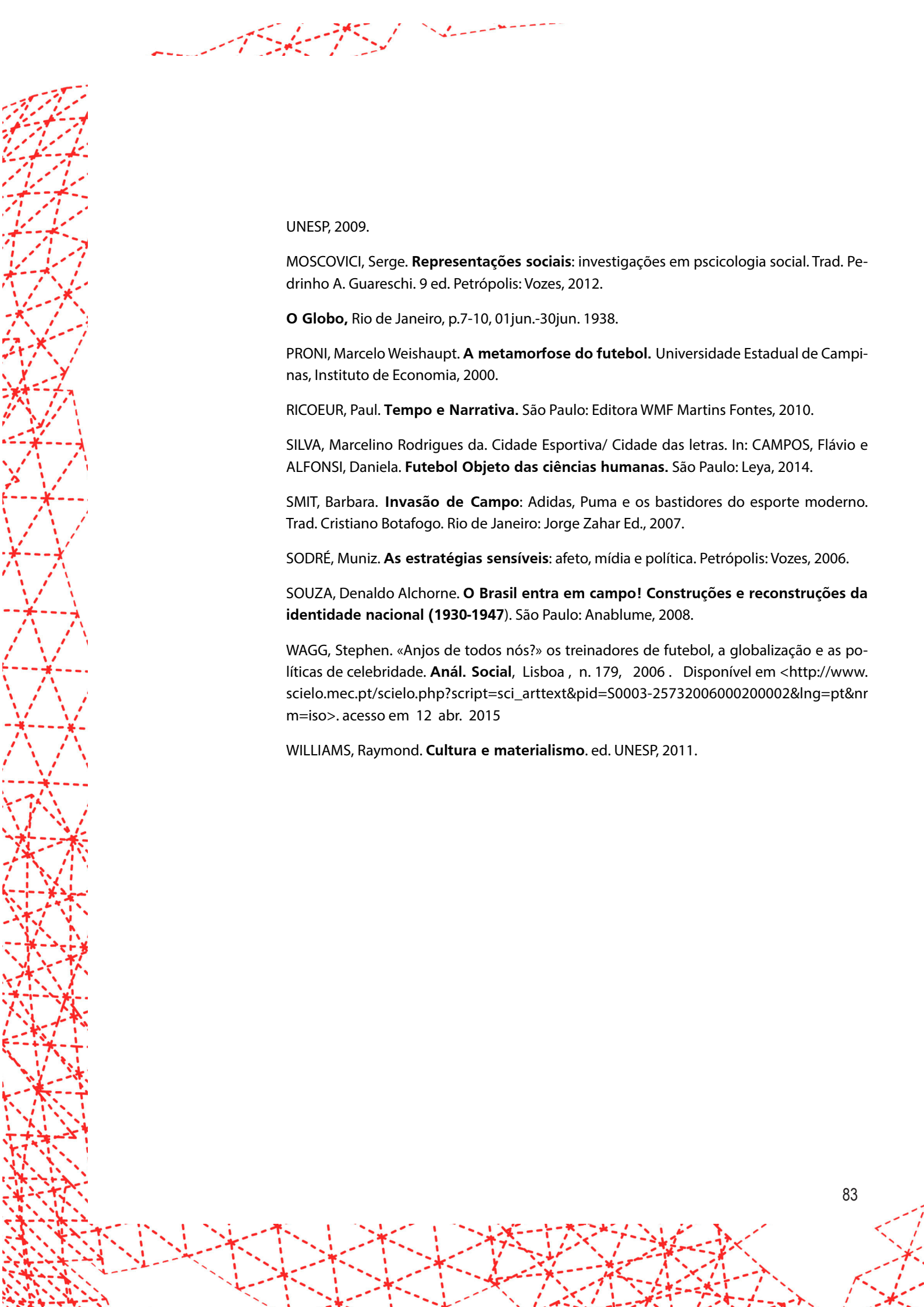
HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.8-10, 01jul.-30jul. 1934.

LOPES, José Sérgio Leite. "A vitória do futebol que incorporou a pelada-A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro." **Revista usp**, 22 (1994): 64-83.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras – a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora



UNESP, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

O Globo, Rio de Janeiro, p.7-10, 01jun.-30jun. 1938.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Cidade Esportiva/ Cidade das letras. In: CAMPOS, Flávio e ALFONSI, Daniela. **Futebol Objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

SMIT, Barbara. **Invasão de Campo**: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno. Trad. Cristiano Botafogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Anablume, 2008.

WAGG, Stephen. «Anjos de todos nós?» os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. **Anál. Social**, Lisboa, n. 179, 2006. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000200002&lng=pt&nr m=iso>. acesso em 12 abr. 2015

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. ed. UNESP, 2011.